

# PERCEPÇÃO AMBIENTAL: Implicações para a Educação Ambiental

Alecsandra Santos da Cunha<sup>1</sup>  
Eugênio Batista Leite<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduando do 7º período de Geografia – PucMinas. (alecsandrascunha@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor do Curso de Ciências Biológicas (PucMinas), graduado em Odontologia e Ciências Biológicas, Mestre em Educação, especializado em Educação Ambiental. (eugenioobl@pucminas.br)

## Resumo

O ambiente é concebido de formas diferentes de acordo com construções sócio-espaciais e culturas diversas, neste contexto surgem várias explicações para tal fenômeno. A Educação Ambiental é algo novo, se comparado à história de formação humana desde os tempos antigos, assim ela aparece como tema relevante na segunda metade do séc.XX e vem se desenvolvendo na tentativa de acompanhar a dinâmica ambiental. Para isso, surgem a cada dia novas formas e metodologias de se fazer uma Educação Ambiental efetiva que resulte em resultados satisfatórios. Uma destas metodologias recentes foi a aproximação com a “Percepção Ambiental” para possibilitar o entendimento dos diversos modos de concepção do meio ambiente, além de ser capaz de diagnosticar, prognosticar e desenvolver potenciais em comunidades carentes de informação para lidar com tal tema. Este trabalho objetiva elucidar assuntos intrínsecos à Percepção Ambiental, assim como seus instrumentos de coleta de dados.

**Palavras-chaves:** Educação Ambiental, Percepção Ambiental e Diagnósticos Participativos.

## Abstract

Environment is conceived in different ways according to diverse social-spatial constructions and cultures; in this context, a lot of explanations for such a phenomenon have come up. Environmental Education is something new if we are to consider the history of human formation since ancient times. Thus, it appears as a relevant topic in the second half of the 20<sup>th</sup> century, and it has also been developing in the attempt to accompany the environmental dynamic. In order to attain this objective, new forms and methodologies come up each day, so that effective Environmental Education which results in satisfactory outcome is achieved. One of these recent methodologies was the approximation to the “Environmental Perception” to make the understanding of diverse ways of environment conception possible, in addition to the ability to diagnose, to forecast and to develop potentials in communities in need of information to deal with such a theme. This study aims at elucidating intrinsic issues regarding Environmental Perception, as well as its instruments in the collecting of data.

**Keywords:** Environmental Education, Environmental Perception and Participative Diagnostic.

## 1 INTRODUÇÃO

*“Os seres humanos persistentemente têm procurado um meio ambiente ideal. Como ele se apresenta, varia de uma cultura para outra, mas em essência parece acarretar duas imagens antípodas: o jardim da inocência e o cosmo. Os frutos da terra fornecem segurança, como também a harmonia das estrelas, que além do mais, fornecem grandiosidade. Deste modo nos movemos de uma para outro: de sob a sombra do boabá para o círculo mágico sob o céu; do lar para a praça pública, do subúrbio para a cidade [...]” (TUAN, 1980. p. 288)*

A questão ambiental se torna cada vez mais emergente. Todas as ações adotadas até então ainda não foram suficientes para frear a crescente degeneração do planeta, aproximando nossa sociedade do iminente caos ambiental. A tomada de consciência é fator fundamental para que se possa iniciar um processo de educação ambiental internalizado em cada indivíduo através da percepção ambiental, e, dando continuidade a esse processo por meio de ações concretas que objetivem uma construção social capaz de reeducar o homem no sentido de se proteger, pois o planeta é capaz de se fazer e

refazer na sua capacidade cíclica, mas a espécie *Homo sapiens sapiens* está cada vez mais próxima da auto destruição.

A percepção ambiental é hoje, um tema recorrente que vem colaborar para a consciência e prática de ações individuais e coletivas, desse modo, o estudo da percepção ambiental é de tal relevância para que se possa compreender melhor as inter-relações entre o homem e o ambiente, suas expectativas, suas satisfações e insatisfações, expectativas, julgamentos e condutas (PACHECO e SILVA, 2007).

Diante da aceleração monopolista do modelo de produção econômica, que se iniciou com a revolução industrial e se intensifica cada vez mais (AMORIM FILHO, 2003) a exploração descontrolada dos recursos naturais, assim como a cultura do consumo, faz-se necessária a aplicação dos estudos e programas de educação e percepção ambiental, na tentativa de se alcançar uma sustentabilidade capaz de prover as necessidades sociais, partindo do pressuposto de que através dos recursos naturais, a vida humana é sustentada, e assim cabem todas as possibilidades de explorá-los de maneira consciente.

## **2 CRISE AMBIENTAL**

Para contextualizar a crise ambiental que presenciamos, precisamos voltar a alguns conceitos, aos primórdios da humanidade e suas respectivas culturas. Entendemos hoje, que o conceito de “ecossistema <sup>1</sup>” nos leva a pensar a Terra como um todo, que funciona de maneira organicista, um sistema geral, interligado (STODDART, 1974; TROPPEMAIR et al., 2006), no qual qualquer alteração ou intervenção leva a uma consequência local, regional ou planetária. Um exemplo disso seria a retirada da cobertura vegetal de uma dada área: seu solo ficará exposto influenciando o microclima, a cadeia alimentar local será alterada e tudo isso poderá levar até mesmo à extinção de espécies e/ou especiação se conjugado ao fator escala, ou seja, feito isso em grandes extensões.

Para os gregos antigos, todo o conjunto biótico e abiótico fazia parte da natureza. A ruptura deste pensamento se deu quando Moisés afirmou que “Deus criou o homem à sua semelhança e que ele deveria dominar todos os outros seres vivos, sendo animais ou vegetais”, assim houve a separação do homem da natureza.

<sup>1</sup> Existem inúmeros conceitos para o termo *ecossistema*, de acordo com as diversas áreas do conhecimento.

Para a civilização ocidental, este pensamento foi consolidado por volta do séc. XVII por Descartes através da teoria do antropocentrismo, que vigorava na época. Descartes influenciou ainda, com a idéia antropocêntrica grandes nomes como Galileu Galilei, Francis Bacon e Isaac Newton (RIBEIRO, 2007, p.15).

Com o advento do modelo econômico produtivo quando da Revolução Industrial – o capitalismo – a ciência moderna passa a ser financiada por este e em troca gerava teorias para atendê-lo, sendo aplicada na organização e administração do mesmo. Deste modo, podemos tirar conclusões básicas desta dinâmica: a ciência é gerada de modo tecnicista, era feita para atender quem a financiava, ou seja, o capital e ainda, era uma ciência determinada para a dominação. E por volta do início do séc. XX, na Alemanha, a escola de Frankfurt leva esse tecnicismo para as ciências humanas (RIBEIRO, 2007, p.12).

A partir disso, o processo produção-consumo-acúmulo de capital se intensifica cada vez mais nos levando à atual crise. Logo após a Segunda Guerra Mundial acontece o “Boom Ambiental”, com uma crise planetária e antrópica pautada no modelo tecnicista de dominação. Tal modelo é baseado nas teorias cartesianas, que não consideram o homem como parte do ambiente, da natureza, negando assim, a organicidade da vida.

### **3 PERCEPÇÃO AMBIENTAL**

A Educação Ambiental vem sendo tratada também nesta lógica do modelo tecnicista, o que a leva a resultados contraditórios, imediatos e nada duradouros, mostrando-se mais como um adestramento do que realmente uma formação de qualidade (BRUGGER, 2004, p.91). Os problemas ambientais acabam por serem reduzidos à poluição, escassez de recursos naturais, diminuição da biodiversidade, reciclagem, entre outros, deixando de lado relações que são de suma importância para a mudança de valores e atitudes. A formação da sociedade não deve ser apenas informativa, pois assim se torna, também, adestradora, há que se ter uma abordagem crítica atual e da história de inter-relações sociedade-meio, levando a uma visão holística do contexto mundial. Comportamentos e valores estão pré-estabelecidos por

coerção de atitudes conservacionistas, levando todos ao adestramento e não educando ou formando. Aspectos como o ensino técnico e a “deseducação informal” tendem a reduzir a questão ambiental a um fato natural, a educação deve ser um processo contínuo, abrangente e complexo, levando à liberdade crítica, fazendo existir o conflito para que a criticidade aconteça, evitando assim, esta educação ambiental adestradora e potencializando o adestramento e a criticidade (BRUGGER, 2004. p.98).

A educação ambiental deve ser trabalhada organicamente, pois se ela for separada dentro de seus contextos, não leva a uma lógica sistêmica, de inter-relação, na qual seria capaz de fazer o indivíduo pensar e compreender toda a complexidade do tema. Não basta apenas utilizar as metodologias aplicadas e seus resultados, o sujeito-cidadão precisa entender a essência da crise ambiental, o porquê de estarmos todos à beira de um colapso. A partir da reflexão das causas e motivos, acontecerá, então, a sensibilização e ação pautada no entendimento destas mesmas causas e motivos e no pensamento construtivo de metodologias, práticas e resultados satisfatórios.

A Educação Ambiental necessita de Diagnósticos Participativos, prognósticos e busca de ações apontadas pela comunidade como prioritários em suas vidas. Desta forma, apropriou-se dos conceitos, princípios e atividades da Percepção Ambiental principalmente para o entendimento do que pensam e de como vivem as pessoas, culturas, necessidades e lugares.

O “Termo de Referência para Educação Ambiental não formal no Processo de Licenciamento Ambiental do Estado de Minas Gerais” orienta a elaboração de programas de Educação Ambiental nos Licenciamentos Ambientais, de acordo com a Lei 9.795/99 e o Decreto 4.281/02, no que tange seus objetivos, público alvo, diretrizes, estrutura organizacional, cronograma e avaliação, sendo necessário para seu cumprimento o levantamento de dados para a constituição da Percepção Ambiental, o que deve ser feito através de pesquisas qualitativas para obtenção de resultados mais próximos da realidade:

*“seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos. Dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas, é freqüente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí, situe sua interpretação dos fenômenos estudados. (NEVES, 1996, p.01).*

A pesquisa quantitativa usa métodos herdados do tecnicismo positivista, e como já foi discutido, a ciência positivista estratifica os objetos de estudo, não dando a eles uma visão holística, e assim os deixa muito próximo de erros e interpretações incompletas da realidade. Estudos de Percepção Ambiental lidam diretamente com o homem, sua cultura, suas manifestações, suas raízes e para isso questionários, por exemplo, não dão conta da complexidade dessas relações “[...] o ser é, existencial e primordialmente, afetividade, comunicação e compreensão. Lançado no mundo, o homem percebe-se e torna-se humano no contato com os outros homens, afetado pelo que desse convívio descortina.” (GARNICA, 1997. p.02). A pesquisa qualitativa por sua vez, ao investigar os fenômenos dando a eles possibilidades de se mostrar, faz com que sua compreensão fique mais clara na medida em que o detalhamento de suas análises seja maior, com a interação do pesquisador e o pesquisado, já que o primeiro deve se ver e ver o seu entorno como um grande leque de possibilidades, não somente objetividades e manifestações concretas (GARNICA, 1997), acabadas, ignorando o processo de construção sócio-cultural, a situação atual e as expectativas de futuro das comunidades abordadas e pesquisadas. Contudo, cabe nos Estudos de Percepção Ambiental o emprego de métodos quantitativos, se aplicados em conjunto com os métodos qualitativos. Assim, deve-se assegurar de que jamais a pesquisa quantitativa seja trabalhada individualmente nesse tipo de estudo.

Existem vários conceitos para o termo “percepção ambiental”, mas cabe ressaltar que, em todos eles, o principal aspecto a ser levantado é a questão das relações entre o homem e o meio ambiente, como cada indivíduo o percebe, o quanto conhece do seu próprio meio, o que espera do seu meio, como o utiliza e sua ação cultural sobre esse meio:

*“...a natureza é aquilo que observamos pela percepção obtida através dos sentidos. Nessa percepção sensível, estamos cômnicos de algo que não é pensamento e que é contido em si mesmo com relação ao pensamento. Essa propriedade de ser auto-contido com relação ao pensamento está na base da ciência natural... cujas relações mútuas prescindem da expressão do fato e do que se pensa acerca das mesmas.” (WHITEHEAD, 1994, p. 09).*

É de suma importância o estudo de percepção ambiental de comunidades locais e no entorno de onde serão implantadas Unidades de Conservação ou qualquer outro tipo de empreendimento, pois possibilita levantar informações relevantes para tais comunidades, para os empreendedores, assim como para que a implantação aconteça dentro da lei, sem prejuízos para o meio ambiente. É necessário que se comece pelos

elementos de composição social, ou seja, histórico, cultural, sócio-econômico, a situação dos recursos naturais (AMORIM FILHO, 2006. p.42), a visão de natureza tida pela dada comunidade entre outros fatores que podem ser pontuais ou não.

Cada indivíduo ou comunidade percebe seu meio de acordo com suas necessidades e/ou sua cultura, assim como os pigmeus do Congo dão tanta importância aos sons, pois sua floresta não lhes permite vislumbrar extensas paisagens (TUAN, 1980. p.92), os índios do sudoeste americano viram seus olhares para os céus (TUAN, 1980. p.94), ou seja, existem percepções diferenciadas da natureza, isso inclui o fator espaço-temporal. Pois os indivíduos, as comunidades e as sociedades percebem os espaços e o tempo de forma diferenciada, de acordo com suas crenças, costumes e valores. A paisagem é a concretização do processo de construção social das imagens, assim não devem ser olhadas apenas como lindas imagens ou formas, mas sim ser enxergadas com todo o contexto que as acompanha (LACOSTE, 1995. p.56).

Considerando então, a importância dos estudos de percepção ambiental para realização de intervenções em comunidades diretamente afetadas por pequenos, médios e grandes empreendimentos,

*“Ao mesmo tempo o levantamento da percepção com os atores envolvidos em determinada realidade ambiental, legitima o estudo de avaliação e os futuros projetos de intervenção de uma determinada realidade; busca elucidar as relações de causa e efeito, com a finalidade de subsidiar a escolha de soluções para os projetos; é também uma poderosa ferramenta de trabalho, facilita a avaliação de processos sociais, no interesse de constatar a situação atual dos problemas presentes no meio ambiente, de modo a enriquecer o processo decisório.” (LEITE, sem data),*

Destacam-se vários instrumentos de coleta de dados utilizados nos Estudos de Percepção Ambiental que objetivam identificar e caracterizar o perfil sócio-espacial, econômico e cultural do objeto de estudo na busca da sustentabilidade. Estes instrumentos podem ser utilizados juntos ou separadamente de acordo com a necessidade e realidade local ou regional. Assim como o DRP (Diagnóstico Rural Participativo), que trabalhado sozinho ou em conjunto com os Estudos de Percepção Ambiental se torna excelente técnica para se trabalhar com comunidades envolvidas em implantação de empreendimentos.

O DRP visa o trabalho em conjunto com a comunidade, potencializando sua auto-análise e a autodeterminação, além de obter diretamente informações primárias das áreas trabalhadas, estas participam de todas as fases do projeto: como o levantamento dos problemas locais e regionais, o levantamento de demandas, potencialidades e

soluções, identificando o nível de mobilização dos moradores, assim como os atores sociais, ou seja, as lideranças locais, a construção geral, pesquisas, avaliação, elaboração e aplicação do plano de ação, entre outros.

Segundo o Manual de Técnicas de Diagnóstico Participativo, devem ser seguidos sete passos para tornar a pesquisa de campo o mais participativa possível. Passo 1 – fixar o objetivo do diagnóstico: se identificará um novo projeto ou um já existente, se englobará aspectos particulares; passo 2 – selecionar e preparar a equipe mediadora: deve ser interdisciplinar e composta por homens e mulheres facilitando uma visão de diversos ângulos e a conversa com a comunidade; passo 3 – identificar participantes potenciais: podem ser todos os interessados no desenvolvimento da comunidade; passo 4 – identificar as expectativas dos participantes: cada um tem suas próprias expectativas e esperam satisfazer suas necessidades; passo 5 – discutir as necessidades de informação: é a identificação de dados ou especificidades que serão necessárias para a elaboração do projeto; passo 6 – selecionar as ferramentas de pesquisa: se usadas adequadamente, aumentam as oportunidades de participação; passo 7 – desenhar o processo do Diagnóstico: perguntas como quem estará na equipe, quando será realizado, onde, materiais que serão utilizados ajudarão na participação da comunidade. Existem três tipologias de Diagnósticos (LEITE, sem data):

**1 – DRP – Diagnóstico Rural Participativo:** tem o objetivo de fazer o levantamento, reflexão e análise de questões ambientais, sociais, econômicas, políticas e culturais da comunidade rural. Subsidia o planejamento do desenvolvimento local; Levantamento participativo de situações e questões em uma comunidade rural; Incentiva a mobilização de comunidades rurais; Aproxima e facilita a comunicação entre diferentes grupos hierárquicos na comunidade rural e Possibilita a identificação de potencialidades dos moradores das comunidades.

**2 – DiPUC – Diagnóstico Participativo de Unidades de Conservação.** O DiPUC é uma adaptação do DRP. O diferencial do DiPUC em relação ao DRP está no objeto trabalhado e não nas ferramentas utilizadas. A adaptação da metodologia do Diagnóstico Rural Participativo para a realidade das UCs se fundamenta em aspectos pouco observados e que dificultam o fluxo de comunicação entre os funcionários e público do entorno. O DiPUC promove o: Levantamento, reflexão e análise das questões ambientais, sociais econômicas, políticas e culturais da realidade da UC e



entorno, através de informações dos seus funcionários; Subsídios para o planejamento da UC e de atividades relacionadas à conservação ambiental do entorno; Levantamento participativo de situações e questões sobre a vida da UC e do entorno; Incentivo e a mobilização de funcionários da UC e de moradores do entorno; Possibilidade da identificação de potencialidades dos funcionários das UCs e parceiros e por fim procura aproximar e facilitar comunicação entre diferentes níveis hierárquicos da instituição e desta com a comunidade.

**3 – Metodologia de Planejamento Participativo – FOFA.** O nome da matriz é FOFA por que o cruzamento é feito em cima das FORÇAS, OPORTUNIDADES, FRAQUEZAS e AMEAÇAS com as quais a instituição terá que lidar. Em inglês, o nome da matriz é SWOT - strenght, weakness, opportunities and threats. A matriz FOFA é um cruzamento de cenários pra se saber quais serão os objetivos estratégicos da instituição, com menor chance de falha. Cenários são reflexões sistemáticas, extraídas por métodos científicos, que definem futuros possíveis. Quando definimos os cenários, os separamos da seguinte forma: Internos - situações influenciáveis pela instituição forças - elementos da instituição considerados vantajosos; fraquezas - inconformidades, pontos da instituição que devem ser melhorados; Externos - situações não influenciáveis pela instituição oportunidades - as barbadadas. Ameaças - elementos que dificultarão a obtenção do lucro. Objetivos estratégicos são as ações que a instituição deverá tomar para alcançar sua visão, de acordo com o ambiente em que ela está inserida.

Lembramos que a postura dos pesquisadores – que devem fazer parte de uma equipe interdisciplinar - que irão trabalhar com as comunidades deve ser sempre respeitosa e aberta, criando uma relação de confiança entre os participantes, sendo assim um ambiente favorável e tranquilo. Promover a integração, inclusão e participação de todos através da valorização da cultura local, favorecendo a criatividade e cooperação é vital para o andamento dos Estudos de Percepção Ambiental, pois, provavelmente, somente através das informações extraídas de tais comunidades que se poderá chegar o mais próximo da realidade dos problemas, riscos e impactos ambientais sofridos por elas.

Deve-se buscar o contato e conversas, através também de reuniões, com diversos setores da comunidade, cada qual (órgãos públicos, associações, ONG's, comunidades ribeirinhas, rurais e urbanas, empresas e etc.) terá uma percepção do objeto de estudo, o que ajudará a construir uma análise crítica da situação.

Como dito anteriormente, são vários os instrumentos de coletas de dados utilizados no desenvolvimento dos Estudos de Percepção Ambiental objetivando o processo participativo, o respeito à sabedoria e à cultura local, analisando e entendendo as diferentes percepções:

\* Análise documental: é uma pesquisa de documentos que ainda não foram analisados ou que podem ser analisados novamente buscando novo entendimento ou complementação deste para conhecer melhor o objeto de pesquisa, complementando informações relevantes para a compreensão do contexto real.

\* Diagramas, mapas e perfis transversais<sup>2</sup>: o processo de construção dos diagramas é mais valioso que o próprio resultado final, pois a discussão feita nessa elaboração traz inúmeras informações, além deste instrumento possibilitar o esclarecimento de vários outros elementos. Os mapas têm a capacidade de representar territórios, áreas familiares e sua relação com os recursos naturais, a percepção do ambiente pela comunidade (lembrando que cada um releva o que lhe é mais valioso), os usos e ocupações do solo, entre outros. Devem ser construídos com a participação dos pesquisadores e dos pesquisados. Já os perfis transversais são realizados através de caminhadas no espaço geográfico da comunidade, visam identificar os maiores problemas e oportunidades de soluções, possibilitando a observação de diversas zonas que se cruzam. Faz-se as anotações necessárias utilizando as denominações da comunidade juntamente com a visualização do percurso feita em um papel.

\* Entrevistas semi-estruturadas: um dos seus objetivos é identificar as informações necessárias, além de estabelecer a interação entre entrevistador e entrevistado, na busca de aceitação mútua, confiança, respeito à cultura e valores, de forma a deixar o entrevistado seguro e livre para expor suas idéias. As entrevistas podem ser formais ou não, marcadas com antecedência ou casuais e tanto podem ser feitas nas casas dos entrevistados como na própria comunidade, e devem focar tanto sujeitos individuais, como famílias, professores, funcionários e lideranças locais.

\* Grupos focais: são compostos por 4 a 7 pessoas, sendo essas pessoas que irão avaliar conceitos e/ou identificar problemas, possibilitando diferenças de opiniões, sentimentos, idéias, expectativas, comportamentos e motivações, principalmente quando não há a chance de observar em loco o sujeito da pesquisa. Permite a observação direta

<sup>2</sup> Manual de técnicas – **Diagnostico (Participativo) Rural**. Copiado por Marti Whiteside, Março de 1994. Comissão Nacional do meio Ambiente. Maputo, Moçambique.

da interação do grupo, assim como similaridades e diversidades. As conversas devem ser gravadas e transcritas posteriormente.

\* Matriz de Critérios e Opções<sup>3</sup>: através de propostas feitas pela comunidade, de acordo com critérios escolhidos, há a possibilidade de descobrir o quanto uma situação é conhecida localmente e as ações que devem ser tomadas diante de possíveis problemas futuros. Feita uma listagem de pontos bons e ruins, é lançado um desafio de transformar os critérios negativos em positivos, que devem ser representados em uma matriz.

\* Observação participante: compreender a realidade da comunidade é crucial para se ter condições de apresentar opiniões e proposições para possíveis soluções dos problemas levantados. Participando do cotidiano da comunidade, convivendo e “olhando<sup>4</sup>” o objeto de estudo, através da observação pode-se descobrir aspectos que muitas vezes não aparecem nas conversas e entrevistas informais, possibilitando a aproximação da expectativa do sujeito. Devem ser feitas anotações primárias e depois transcrevê-las.

\* Sociodrama: através de ocasiões interativas e lúdicas, se busca perceber e conhecer a reação das pessoas com relação a um determinado fato. Indica-se uma situação na qual os participantes irão interpretar papéis representando uma história, que tenha relação direta com o cotidiano destas pessoas, devem fazer tais interpretações expondo como agiriam na vida real, assim através da observação pode-se compreender suas atitudes sociais. Segundo Leite (sem data), pode se apresentar ainda uma dinâmica de uma Audiência Pública Simulada sobre a implantação de uma Unidade de Conservação com a participação da comunidade.

\* Seminários: devem ter no máximo 2 horas de duração e realizado pelo menos 1 em cada município envolvido, com um menor número de participantes e visando o apoio ao projeto ou empreendimento. Num primeiro momento de fazem esclarecimentos e são passadas informações relevantes, depois são realizadas plenárias

---

<sup>3</sup> Manual de técnicas – **Diagnostico (Participativo) Rural**. Copiado por Marti Whiteside, Março de 1994. Comissão Nacional do meio Ambiente. Maputo, Moçambique.

<sup>4</sup> Segundo alguns autores das Ciências Sociais, não basta “olhar”, temos que “enxergar” o que está em nossa volta, a cultura ocidental não tem o hábito de transcender subjetivamente aquilo que se vê objetivamente.

com subgrupos, finalizando com o relato das decisões tomadas pelo grupo em uma plenária final, procurando sempre avaliar conjuntamente as prioridades de ação.

\* Produção do relatório final: depois de transcritos e analisados todos os dados obtidos no decorrer deste processo, é elaborado um relatório final do Diagnóstico Sócio Ambiental Participativo em conjunto com a comunidade.

Estes são instrumentos de coletas de dados já conhecidos entre os Estudos de Percepção Ambiental, e comprovadamente eficientes para a obtenção de resultados satisfatórios. Mas não devem ser descartados outros meios de se coletar informações que visem expor, também de forma hábil a realidade da comunidade a ser pesquisada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As nossas visões de mundo, do ambiente físico, natural e construído socialmente se diferem de acordo com cada cultura, com as experiências perceptivas, com os conceitos e valores inculcados, o que traz como conseqüências as atitudes que tomamos perante a realidade que nos cerca.

*“A relação da nossa espécie com o meio ambiente, produto da percepção que tem dele, sobretudo de si mesma, sofreu um revolução interessante e relativamente pouco estudada, mas consideramos que deve ser exposta aqui, pois permite, com maior clareza, tanto a nova dimensão da problemática ambiental como os enfoques necessários para reorientar nossa relação com o mundo.” (DÍAZ, 2002. p. 23)*

A ciência traz consigo a sistematização de modelos na busca do conhecimento na maioria das vezes de forma fragmentada, hoje, porém, várias linhas de pensamento visam conceber a ciência de forma orgânica, deixando de lado o positivismo tecnicista e reducionista. O primeiro passo para buscar a organicidade no meio científico é a execução de equipes interdisciplinares em todo e qualquer estudo, seja qual for sua área de conhecimento. Quando se trata de assuntos ambientais então, o entendimento desta organicidade é fundamental e complexo, pois a Terra tem vida própria, sendo formada pelo seu meio biótico, abiótico e a interação entre eles, na certeza ainda que o Homem e suas construções sócio-culturais são parte integrantes dessa interação, sendo deste

modo, vital a concepção de um meio ambiente orgânico que leve à uma ciência sistêmica.

Ao entender esta organicidade da vida, fazem-se relevante os Estudos de Percepção Ambiental para uma Educação Ambiental efetiva, na certeza da ligação intrínseca homem-meio. Estes estudos, baseados no meio ambiente orgânico e nas diversas percepções e valores possibilitam que as comunidades pesquisadas não sejam intensamente prejudicadas, assim como seus recursos naturais, fauna e flora dinamizando e adaptando os projetos e empreendimentos às realidades locais.

Tanto é a certeza com relação a eficácia da Percepção Ambiental, que leis já foram criadas e vigoram no intuito de garantir a sua execução, objetivando qualidade de vida para as comunidades envolvidas, preservação da biodiversidade dos locais onde serão desenvolvidos tais projetos e empreendimentos, minimização de riscos e impactos ambientais, além dos próprios projetos de Educação Ambiental.

Sendo a Educação Ambiental necessária para atribuir informações, conhecimentos, mudanças de valores e tomadas de atitudes possibilitando novas perspectivas para a espécie humana, implica diretamente nos Estudos de Percepção Ambiental que visam o conhecimento e auto-conhecimento, tanto individuais, quanto coletivos, para decorrer em práticas e resultados eficazes na preservação e conservação do planeta permitindo a perpetuação da vida.

## **BIBLIOGRAFIA**

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; KOHLER, Heinz Charles; BARROSO, Leônidas Conceição (Org.). **Epistemologia, cidade e meio ambiente**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2003.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; CARTER, Harold; KOHLSDORF, Maria Elaine. **Percepção ambiental: contexto teórico e aplicações do tema urbano**. Belo Horizonte: Instituto de Geociências da UFMG / Departamento de Geografia, 1987.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. A pluralidade da Geografia e a necessidade das abordagens culturais. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.16, n.26, p.35-58, jan. 2006.

BRASIL, LEI nº. 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.

BRASIL, Termo de Referência para Educação Ambiental não formal no Processo de Licenciamento Ambiental do Estado de Minas Gerais.

BRASIL, **Deliberação Normativa COPAM nº. 110**, de 18 de julho de 2007.

BRUGGER, Paula. **Educação ou Adestramento Ambiental**. Chapecó. Florianópolis: Argos, 2004.

DÍAZ, Alberto. **Educação Ambiental como Projeto**. 2.ed.. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FERNANDES, Roosevelt. S. **Uso da Percepção Ambiental como Instrumento de Gestão em Aplicações, Ligados às Áreas Educacional, Social e Ambiental**. Rio de Janeiro. 2005.

GOODEY, Brian & GOLD, John. **Geografia do Comportamento e da Percepção**. Belo Horizonte: UFMG, Instituto de Geociências, 1986.

GARNICA, Antônio V. C. Algumas Notas sobre Pesquisa Qualitativa e Fenomenologia. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, São Paulo, v.1, n.1, 1997.

LACOSTE, Yves. A quoi sert le paysage? Qu'est-ce qu'un beau paysage? In: ROGER, Alain (sous la direction). **La Théorie du paysage en France (1974-1994)**. Seyssel: Éditions Champ Vallon, 1995 (Collection Pays/Paysages) p. 42-73.

LEITE, Eugênio B. **Diagnóstico Sócio Ambiental Participativo** – Uma proposta para subsidiar os estudos de percepção ambiental em comunidades. (sem data)

Manual de técnicas – **Diagnóstico (Participativo) Rural**. Copiado por Marti Whiteside, Março de 1994. Comissão Nacional do meio Ambiente. Maputo, Moçambique.

NEVES, José Luis. **Pesquisa Qualitativa** – Características, Usos e Possibilidades. São Paulo: Caderno de Pesquisas em Administração, V.1, Nº3, 2º Sem. /1996.

PACHECO, Éser & SILVA, Hilton P. **Compromissos Epistemológicos do Conceito de Percepção Ambiental**. Rio de Janeiro: Departamento de Antropologia, Museu Nacional e Programa EICOS/UFRJ, 2007.

REYNAUD, Alain et al. **O espaço interdisciplinar**. São Paulo: Liv. Nobel, 1986.

RIBEIRO, Wallace Carvalho. Teoria Crítica: Contribuições Para se Pensar a Educação Ambiental. Belo Horizonte. **Sinapse Ambiental**. v.. 4, n. 2. 2007.

TROPPEMAIR, Helmut. **Biogeografia e Meio Ambiente**. Rio Claro: Divisa, 2006.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia** – Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente, RJ. Ed. DIFEL, 1980.

WHITEHEAD, Alfred North. **O conceito de natureza**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.